

Memorial do Errante

Antes de aplicar o meu pensamento sobre a poesia de Afonso Félix de Sousa, invoco dos recessos da memória as especulações de ordem estilística que se fizeram na poesia há cerca de trinta anos, e das quais, conquanto verdadeiras no seu espírito de análise, muito pouco resultou como orientação às evocações poéticas; quero me referir a trabalhos como o poema *Ledentu le Phare* de Iliazd, escrito numa linguagem por ele mesmo inventada: o Zaoum; ou a *absoluter Dichtung* de Rudolf Blumners que obedecia orientação semelhante, e da qual não me furto à tentação de apresentar aqui como amostra alguns versos:

*Oiaf laéla oia
Ensúdio tiesa súdio mismun
Ja Ions stuaz
Bron schfatt*

Especulações em que se procurava a “liberdade das palavras”, o “ritmo infinito”, a “independência dos homens”, a “vocalização arbitrária”, etc.; em que se pretendia encontrar a pureza da palavra, repetindo-a muitas vezes, ou seu som interior, desmaterializado do objeto por ela representado. Belas investigações em que se empenharam homens de inegável sensibilidade e, sobretudo, de muita inteligência.

Lendo-se os versos de Afonso Félix de Sousa, poeta recente, da mais nova geração, pela pouca presença neles dessas especulações, tem-se a impressão que elas foram improficuas, e até mesmo que são incongêneres com a verdadeira poesia. Já no seu livro, *O Amoroso e a Terra*, Afonso Felix dispõe, é certo, desse domínio de onde se extrai a verdadeira estrutura de uma composição poética; mas é também verdadeiro que o poeta não se deteve na simples procura de articulações formais; a sua poesia, desde essa época, como toda boa e generosa poesia, é antes de tudo um canto. Um largo e livre canto trespassado de valores emocionais, ligados à terra e à vida das regiões por onde passou e onde viveu, nela há um ritmo de romance, há ressonâncias de poesia popular, cadências naturais desse lirismo ibérico, característica principal dos poetas do Século de Ouro, e que voltando com a geração de 98 se cristalizou na Espanha moderna, com os poetas Lorca, Machado e Alberti. Para se ter uma idéia dessa aplicação lingüístico-psicológica, justa, perfeitamente associada à liberdade e à modulação do canto, citemos:

*Bem se lembra: havia um poço
Fora um sorriso do moço
escancarado na terra.
Agora... E as águas amadas?
Agora luzes douradas
nascem das águas, da terra.*

*E batem sinos nas nuvens,
batem no seu coração
que bate, bate – os cabelos!
que bate, bate – seu rosto!
que bate, bate – “Ó esplêndida
flor das águas, ó visão*

*que mais sonhei, e impossível,
não venhas, que é muito tarde.
Não me salves, perdição!”.*

Notam-se aí repetições de palavras na intenção de uma pureza vocabular, mas como é diferente daquela estrita intenção de Augusto Stramm:

*Tränen Tränen
Dunkle Tränen
Goldne Tränen
.....
Tränen
Funken*

Em Afonso Félix de Sousa a repetição se dá dentro de uma composição com propósitos mais largos, dentro de um poema de nítido valor objetivo, chegando, portanto, a resultados muito diferentes dos do poeta expressionista alemão.

O Amoroso e a Terra é um livro uniforme, realizado dentro de uma norma de recursos formais, mas assim mesmo os seus poemas estão bem individualizados, não há difusão da matéria poética, não há reproduções de efeitos usados, nem paralelismo de planos emocionais; até os dois ABC do fim do livro, poemas longos, de natureza fundamentalmente popular, estão realizados com a segurança, o alcance, a atitude de uma alta sensibilidade; os seus versos conseguem imprimir a um sábio e inteligente conhecimento do fenômeno poético a mobilidade, a ondulação musical dos metros populares. Já no *Memorial do Errante*, seu último livro, recentemente aparecido, Afonso Félix de Sousa, ainda conservando em vários poemas o ritmo romance, amplia os horizontes da sua temática, da sua métrica, e estende também os limites da própria rítmica.

Memória do Errante, com os belos *Sonetos de Meditação*, onde há uma harmonia especial para os versos de abertura:

Várzea invisível seja o pão dos tristes.

ou:

Que terras! Que aflições! – E a alma perdura.

ou, ainda:

Se vem a noite e o seu gerar de encantos.

Com os seus *Sonetos de Olinda*, excelentes de forma e de conteúdo, com os seus poemas de ritmos diversos, não é um livro muito diferente de *O Amoroso e a Terra*: apesar de mais variado, mais inventivo, reside nele a mesma estrutura, as mesmas relações interiores; há entretanto, um progresso, uma transformação: os poemas do livro são compelidos, são dominados por uma visão do mundo mais geral, uma visão constituída por essa espécie de magia que nos dão as viagens, pela sensação instantânea das coisas que passam mais ligeiras, dos acontecimentos que se sucedem, ou melhor, se implicam numa sucessão quase simultânea.

Em *Memorial do Errante* há esse frêmito do simultâneo que está no limite das experiências, e no princípio dos milagres.